

## Nós

*Francilene Monteiro da Silva*

Fran, minha irmã do meio, chatinha, mas que eu tanto amo. Lembra de quando éramos crianças?

Jamais vou esquecer daquelas horas de infância brincando na calçada de nossa casa amarela. Naquele tempo, não tínhamos tecnologia e bastava um giz e uma pedrinha para alegrar a nossa infância. Você lembra?

Pulávamos 1, 2, 3, 4, 5... e parecia que as horas não passavam. Éramos felizes!



Sexta-feira, 27 de janeiro de 2023

*Francilene Monteiro da Silva*

Querida Alejandra Pizarnik, como você está? Você sabe, não é de hoje que tento aventurar-me pela escrita. Na semana passada, arrisquei-me a escrever sobre as vivências da minha infância, mas sob o ponto de vista da minha irmã. Foi uma escrita sofrida, já que não tenho prática em escrever em segunda pessoa.

Nesta escrita, cujo título é “Nós”, minha irmã contou do tempo da nossa infância, dos tempos bons e felizes que tivemos na casa amarela de nossos pais. Naquela época, por não haver tecnologia, para sermos felizes, precisávamos apenas de um giz e de uma pedrinha para brincarmos de pular amarelinha.

Confesso que tive dificuldades para escrever um simples trecho de memórias da minha infância (imagina se eu fosse escrever um romance?).

Lembro que em uma de suas cartas, você disse que o que te assusta na sua escrita é “a sua imperícia literária para escrever”. Isso porque você é uma verdadeira mestra nessa arte (imagina a dificuldade que tenho como iniciante?). Porém, mesmo assim, sigo escrevendo, pois como você mesma disse, não podemos obter prática na escrita sem praticá-la e, por isso, tenho certeza de que estou no caminho certo.

Agradeço muito os conselhos sobre a escrita que você deixou numa daquelas suas maravilhosas cartas que tanto me inspiram. Estou muito animada para escrever mais textos.

Despeço-me com muitas saudades e muito obrigada pelos seus valiosos ensinamentos.

Com carinho,

Fran.

**Referência:** Alejandra Pizarnik, *Diários*. Tradução de Paloma Vidal.



Terça-feira, 07 de fevereiro de 2023

*Francilene Monteiro da Silva*

Querida Alejandra Pizarnik, recebi sua carta e fiquei muito feliz em saber notícias suas, dos seus projetos literários para os próximos dias.

Estava aqui absorta em meus pensamentos, lembrando dos tempos bons que não voltam mais, de quando eu morava na casa dos meus pais, na casa amarela que ficava na esquina com a Rua Dois de Julho, onde as brincadeiras faziam parte do meu cotidiano. Minha irmã e eu não tínhamos medo de brincar na rua, naquela época não era perigoso para as crianças brincarem nas ruas.

Nossa brincadeira preferida (minha e da minha irmã) era a amarelinha. Desenhávamos a amarelinha com giz colorido na calçada de nossa casa, e não tínhamos preocupação alguma. A vida era bela, tudo era belo, mesmo quando eu e minha irmã brigávamos, não demorava muito para fazermos as pazes (crianças jamais guardam mágoas).

Por um instante, meus pensamentos de infância foram interrompidos pela voz da minha amiga, que bateu a minha porta para me avisar. Eu já estava atrasada para dar aulas na escola de idiomas. O dever me chama!

Confesso que fiquei durante trinta minutos olhando uma foto polaroide tirada há alguns anos. Foi através dessa polaroide que deixei congelado este momento: a amarelinha desenhada com giz no chão, minha irmã pulando de um pé só o número 4 e a pedrinha parada no número 3, e eu parada esperando chegar a minha vez de pular e, ao mesmo tempo, observando se ela ia cometer algum erro. Essa era a nossa felicidade.

Tentei escrever um romance acerca da minha infância. Fiz um caminho totalmente contrário ao seu, pois você disse que não escreveria começando o romance pela infância.

Despeço-me aqui porque preciso trabalhar e espero notícias suas, principalmente sobre seus escritos ou sobre o romance que você gostaria de escrever, porque para mim, nos seus escritos há sempre um aprendizado.



Um grande abraço,  
Fran.

**Referência:** Alejandra Pizarnik, *Diários*. Tradução de Paloma Vidal.

